

# **Tema de Estudo**

## **MAGNIFICAT**

**Bernard OLIVIER**

**Conselheiro espiritual da  
Equipa Responsável Internacional**

## PREÂMBULO

Ei-nos a caminho para Lurdes, para a 7ª peregrinação mundial das Equipas. Será, sem dúvida, a maior até agora, mas, além disso, inscreve-se na celebração jubilar dos 40 anos da carta. Será, por isso, muito particularmente, uma peregrinação de acção de graças.

Era pois, normal colocar a nossa caminhada para Lurdes sob o signo do **Magnificat**. É o cântico de acção de graças da Virgem Maria e, por ela, de todo o povo de Deus; tornou-se o cântico da liturgia da Igreja; é a oração quotidiana das Equipas. E era uma ocasião preciosa de melhor compreender e melhor viver esta "*palavra de Deus*", que tantas vezes corremos o risco de recitar por rotina, calmos e impassíveis, como se tudo isso decorresse assim: "*encheu de bens os famintos e despediu os ricos de mãos vazias...*"!

Durante os primeiros meses de 1988, para se colocarem em espírito de peregrinação, todas as equipas do mundo meditarão no **Magnificat**. Todas as equipas, isto é, mais de 30.000 casais, com 5.000 Conselheiros Espirituais. É um empreendimento valioso e que deve dar frutos. Queremos levar a Lurdes, aos pés de Maria, uma imensa colheita recolhida através do mundo. E os casais que irão a Lurdes levarão na sua colheita a reflexão dos casais que aí não poderão ir. O tema do **Magnificat** será lá retomado num pôr em comum geral, para, juntos, darmos mais um passo em frente.

É, por isso, importante consagrar algum tempo ao estudo deste tema, conceder-lhe prioridade em 1988. Isso significa, muito concretamente, que os Supra-Regionais e os Regionais deverão ter o cuidado de não fazer recomendações às equipas que entrem em concorrência com este estudo, que as reuniões deverão centrar-se durante os primeiros meses sobre este tema, que, finalmente, será bom con-

## ENS – MAGNIFICAT

sagrar-lhe algumas reuniões de casais e algum Dever-de-se-sentar... Em resumo, é um tema muito denso e muito rico, que, em conjunto, devemos **meditar, viver, rezar**, primeiramente nas nossas respectivas equipas, depois todos juntos em Lurdes.

O tema foi dividido em quatro etapas, para quatro reuniões, que seguem, com bastante exactidão, o próprio texto.

Nem tudo se pode dizer, bem entendido, quer sobre o sentido do próprio texto, quer sobre as aplicações que dele podem fazer-se. Há fatalmente, de começo uma certa escolha. Esforçamo-nos por acentuar o que interessa mais directamente à vida das equipas e do próprio Movimento. Foi também essa preocupação que inspirou a maneira de tratar os quatro temas parciais:

- A. o sentido do texto bíblico, com as referências (numerosas) que ele comporta;
- B. uma aplicação às equipas;
- C. pistas e sugestões para prosseguir na reflexão;
- D. textos de orações, de cânticos...

Depende de cada um e de cada uma, tanto dos casais como das equipas, que este admirável cântico de acção de graças e de esperança, que alimenta desde há tanto tempo a oração da Igreja, se torne verdadeiramente o suporte da nossa explosão de alegria, de reconhecimento e de amor.

O **Magnificat** faz parte do Evangelho da infância, próprio de Lucas. Os três primeiros capítulos do Evangelho de Lucas são escritos num estilo diferente do resto do texto, mais arcaico – o que se chama "*o grego com tendências semíticas dos Setenta*". E para este Evangelho da infância pode pensar-se que o autor se funda num inquérito pessoal, como ele diz no seu preâmbulo: "Já que muitos empreenderam concatenar uma narração dos factos que entre nós

## ENS – MAGNIFICAT

se consumaram, conforme no-los transmitiram os que foram desde o início testemunhas oculares e vieram a ser servidores da Palavra, resolvi eu também, que tudo investiguei cuidadosamente desde a origem, escrevê-los em sequência ordenada..." (Lc1,1-3).

Qual é o género literário do **Magnificat**? É um **cântico**, que retoma, em parte, o cântico de Ana, a mãe de Samuel (1 Sam 2,1-10) e que cita numerosas passagens do Antigo Testamento. É talvez um "*trecho relatado*" que o evangelista conheceu e integrou na sua narrativa, mas harmoniza-se perfeitamente com o contexto.

Segundo certos comentadores, os dois primeiros capítulos do Evangelho de Lucas destinaram-se a responder à pergunta: como é que a vinda de Jesus, o Messias, se manteve como um acontecimento escondido? O **Magnificat** dá uma resposta: Deus ama os humildes e os pobres e a vinda do Messias é ao mesmo tempo, uma extrema exaltação numa extrema humildade. Maria está no centro deste mistério de humildade (a "*serva do Senhor*") e de glória (benedita entre todas as mulheres, proclamada bem aventurada por todas as gerações) <sup>1</sup>.

Maria é aqui, também, como que a personalização do povo de Deus. A sua acção de graças, de acento tão pessoal no seu começo, torna-se, a pouco e pouco, a de Israel com quem ela se identifica.

Maria teria, realmente, pronunciado todas estas palavras? Quando o Evangelho expõe: "*Maria disse então*" (1,46), devemos pensar que ela se pôs logo a improvisar este cântico literalmente? Temos vários exemplos no Antigo Testamento de Cânticos assim entoados. O mais célebre é o que magnifica a travessia do Mar Vermelho (Ex 15,1 ss):

---

<sup>1</sup> Vide R. Laurentin, *Structure et théologie de Luc I-II*, 1964.

## ENS – MAGNIFICAT

“Então, Moisés e os filhos de Israel entoaram, em honra do Senhor, o hino seguinte”. É o célebre cântico de acção de graças a Iavé, “que se cobriu de glória: precipitou no mar cavalos e cavaleiros”. De facto, esse cântico celebra as maravilhas de Deus pelo seu povo e vai mesmo até fazer alusão ao Templo de Jerusalém...”

Por outro lado, o livro de Judite apresenta dois exemplos de cânticos entoados também por grupos numerosos, ao mesmo toda uma multidão (vide Jdt 15 e 16). É, portanto, um modo de falar.

Este cântico do **Magnificat** é posto na boca de Maria para exprimir o que se passa. Talvez Maria tenha pronunciado algumas das suas palavras, talvez ela tenha pensado em tudo isso durante os três meses que passou em casa da prima. Se nós, hoje, queremos consagrar algum tempo a meditar nessas palavras, maria não o teria feito muito antes? Uma coisa é certa: o Evangelho diz-nos que é o sentido do que se realiza.

A Igreja fez deste cântico de acção de graças um dos textos principais da sua liturgia quotidiana é o cântico das Vésperas. Por conseguinte, se queremos estar à escuta da Palavra de Deus, que, assim, nos é oferecido e se dela queremos alimentar-nos, não podemos contentar-nos com dizer, recitar ou cantar o **Magnificat** como por inadvertência... É preciso tentarmos entrar no espírito de um texto que nos mergulha no centro do mistério de Deus. Com Maria, devemos saudar jubilosamente a realização das promessas, o cumprimento da expectativa do povo de Deus.

## REUNIÃO I

*A minha alma enaltece o Senhor  
e o meu espírito exulta em Deus, meu Salvador,  
porque olhou para a sua humilde serva  
e desde agora me hão-de chamar feliz todas as gerações.*

### A - Maria

1. O Cântico de Maria inspira-se muito largamente no cântico de Ana, a mãe de Samuel. Até certo ponto, é uma espécie de um decalque seu. O Cântico de Ana, cântico de acção de graças da mulher estéril cuja prece foi atendida, é, ao mesmo tempo, um cântico messiânico exprimindo a esperança dos pobres. Conclui com o anúncio do Rei-Messias. É em razão do v. 5: "*a mulher estéril dá à luz...*" que este cântico é posto na boca de Ana (1 Sam 2,1-10).

### Cântico de Ana

1. Então Ana fez esta oração:  
"Exultai o meu coração em Iavé,  
exalta-se nele a minha força;  
a minha boca desafia os meus adversários,  
porque me alegro na tua salvação.
2. Ninguém é santo como Iavé,  
pois não há outro Deus fora dele,  
nem há outra rocha como o nosso Deus.
3. Não multipliqueis palavras altivas,  
não saía da vossa boca a arrogância,  
porque Iavé é um Deus que tudo sabe,  
os crimes não lhe são ocultos.

## ENS – MAGNIFICAT

4. O arco dos fortes foi quebrado  
e os fracos foram revestidos de força.
  5. Os fartos assalariam-se por pão,  
os famintos são saciados.  
A mulher estéril dá à luz sete vezes  
e a mãe de numerosos filhos enlanguesceu.
  6. É Iavé quem dá a morte e a vida,  
leva à habitação dos mortos e tira dela.
  7. É Iavé quem despoja e enriquece,  
quem humilha e também quem exalta.
  8. Levanta o fraco do pó  
e tira o pobre do esterco,  
para os fazer sentar com os príncipes  
e dar-lhes um trono de honra,  
porque de Iavé são as colunas da terra,  
sobre elas estabeleceu o mundo.
  9. Ele guarda os passos dos seus fiéis,  
mas os ímpios perecerão nas trevas,  
Porque não é pela força que o homem triunfa.
  10. Iavé, sejam esmagados os vossos inimigos!  
Troveje nos céus sobre eles o Altíssimo  
e julgue Iavé os últimos confins da terra!  
Ele dará o império ao seu Rei  
e exultará o poder do seu Ungido.”
2. Desde o começo anuncia-se uma ideia dominante a da alegria, e, mais precisamente, da vibração de alegria. É uma expressão apreciada por certos profetas como Isaías e Oseias: vibrar, rejubilar, exultar, pular de alegria... Conhecemos em S. João a fórmula: “Abraão exultou com a ideia de ver o meu dia; viu-o e rejubilou” (8,56). E neste Evangelho da Infância de Lucas, ela é

## ENS – MAGNIFICAT

aplicada duas vezes a Isabel (“*o menino saltou de alegria no meu seio*”) e uma vez a Maria. É para ela uma explosão de alegria que faz pular o coração.

É preciso partilharmos desta alegria de Maria perante o dom supremo de Deus à humanidade.

3. A razão imediata deste júbilo é expressa assim por Maria: “*porque olhou para a sua humilde serva*”. É, assim, que se apresenta o encontro entre ela e Deus.

Por um lado, há a pobreza-humildade da que quer ser a serva. É o único título que Maria se atribui, aqui e na conclusão da Anunciação. São, aliás, as palavras da oração de Ana: “Se vos dignardes olhar para a aflicção da vossa serva... (1 Sam 1,11). Mas não se pode deixar de pensar aqui no título de servo que é conferido ao povo eleito, no título de serva que se aplica a Sião, e no Cântico do Servo em Isaías, que anuncia o Messias. Maria, na sua humildade, une-se assim ao povo de Deus, de que se torna a imagem e o símbolo.

Por outro lado, há Deus e o seu “olhar”. Basta-lhe “lançar os olhos” para criar, transformar, transfigurar. Este olhar de amor, de predileção, é a expressão mesma da graça.

4. Desde agora, sob o efeito desse olhar divino, Maria vai ser proclamada bem-aventurada.

Já Isabel a saudava como a “*bendita entre as mulheres*”; mais tarde, a multidão exclamará: “*feliz o seio que te trouxe!*” (Lc 11,27). E precisamente Maria, que afirma a sua pobreza, não é aqui a primeira beneficiária das bem-aventuranças que o seu Filho proclamará?

## ENS – MAGNIFICAT

Mas ouvimos também o eco da promessa de Iavé a Abraão nas origens: “*em ti serão abençoadas todas as nações*” (Gn 12,3). Esta ligação entre as duas personagens, Abraão e Maria, tornar-se-á mais evidente no fim do Cântico: neles nós agarramos as duas pontas da cadeia da salvação: Abraão, na origem, o pai dos crentes; Maria, na conclusão, que acolhe o fruto da promessa e da esperança histórica.

### B. As ENS

- 1. É necessário que aprendamos a viver em acção de graças,** segundo o conselho de S. Paulo. Ora, é uma atitude difícil de manter. Custa-nos tanto saber dizer “obrigado”: é uma palavra que muitas vezes nos fica entalada na garganta e a que as crianças se mostram renitentes... Todavia, os cristãos têm todas as razões para cultivar a gratidão e a alegria de serem salvos!

Na nossa vida pessoal, nos nossos casais, nas nossas equipas, seria muito vantajoso fazer o ponto regularmente sobre este capítulo: considerar as razões que temos de dar graças. Por exemplo, no fim de cada ano, ao fazer o balanço do que se viveu!

Depois destes 40 anos de existência das ENS, é o momento de pensar em agradecer mais solenemente ao Senhor por toda a riqueza de graça que passou através da vida das Equipas.

- 2. Talvez seja necessário que reaprendamos a festejar, a celebrar,** e mesmo a pular de alegria. O nosso mundo, dizemo-lo muitas vezes, é um mundo sombrio; é mais sensível ao sofrimento, à tristeza. Certamente, há razões para isso. Mas também há razões para esperar e regozijar-se, que é preciso saber reconhecer e fazer descobrir a todos.

Poderíamos revigorar as nossas festas familiares: aniversários, celebrações dos grandes acontecimentos como nascimentos, batizados, noivado, casamento... Será que ainda sabemos festejar em conjunto? E, nas equipas, alguns têm competência em matéria de celebrações; há mesmo quem tenha para isso um verdadeiro dom. Porque não apelar para eles?

## 1. O olhar do amor de Deus

Também nós devemos compreender que Deus nos ama e que o seu olhar sobre nós, apesar da nossa profunda pobreza, da nossa miséria, é um olhar, não de reprovação, de condenação ou de julgamento, mas um olhar de amor.

Devemos compreender que é o olhar de Deus que nos transforma. Não será pelas próprias forças que cresceremos na graça. É o dom de Deus que opera tudo em nós; é a sua força de amor e de vida que nos transfigura. Tentemos, portanto, ver como temos podido progredir sob o olhar de Deus: na nossa vida pessoal, na nossa vida de casal, na nossa vida de equipa.

É no próprio casal, onde está esse olhar de amor que cada um lança sobre o outro? Porque também esse é um olhar que valoriza, faz crescer e transforma. Quando nos sabemos amados, quando lemos esse amor no olhar do outro, a vida toma outro sentido...

Por outro lado, sabemos ainda olhar o outro como nos primeiros tempos, com olhos novos, que descobrem sempre mais? Não acreditemos com demasiada pressa "*termos já visto tudo*"... Resta ainda tanta coisa a descobrir!

## 2. Proclamamos Maria bem-aventurada

Também nos unimos a todas as gerações cristãs que lhe chamaram feliz. É o momento de reflectir no culto que as ENS votam a Maria. Alguns admiram-se deste título, que nós nos orgulhamos de usar: Equipas de Nossa Senhora. Sabemos muito bem o lugar que a Virgem Maria tem no nosso coração e na nossa espiritualidade.

Talvez seja o momento de nos interrogarmos sobre esta relação privilegiada: como a vivemos? Talvez precisemos de ultrapassar os limites de um culto sentimental, purificar esta devoção que ultrapassa as outras devoções para com os santos, mas que deve sempre ir até ao próprio Deus. Quando nós dizemos "Maria", ela responde-nos "Jesus". Quando vamos para Maria, é para sermos conduzidos ao Senhor.

### C. Pistas e sugestões

1. Para festejar o 40º aniversário das ENS, tentai traçar o "caminho de graça" das equipas desde a sua fundação (as etapas relevantes, as descobertas, a evolução) – sem esconder, aliás, os sofrimentos e as amarguras. Que acontecimentos marcaram a vida da vossa própria equipa?
2. Procurai as razões próprias do vosso casal para dar graças. E sabeis consagrar algum tempo a agradecer a Deus.
3. Prevê-se uma peregrinação a Nossa Senhora para marcar este 40º aniversário. Que pensaríeis vós duma peregrinação, duma marcha em equipa?

**D. Um texto: uma canção**

Uma canção de Claude Moyon:

Refrão:

Escolhi amar-te em plena liberdade,  
Escolhi amar-te com fidelidade,  
Escolhi amar-te contra ventos e marés,  
Escolhi amar-te por tudo o que tu és.

Dizem-nos hoje que para se ser feliz  
Deve fazer-se tudo o que se quiser.  
Em nome da honestidade, sacrossanta verdade,  
Quem deixa de se amar, deve separar-se.  
Imagem então achar a liberdade.  
Mas é no fundo do coração que é preciso procurá-la.

Dizem-nos hoje que as palavras não são nada,  
A palavra dada pode retirar-se amanhã.  
É fácil, creio eu, quando nem tudo vai bem,  
Encontrar um jardim mais tentador que o nosso.  
Mas a fidelidade atíça como um fogo.  
E se isso não fosse senão para nos tornar felizes?

Na vida de hoje, vamos marchando ao vento,  
Do bom tempo à tempestade, e de fluxo em refluxo.  
Quantas lágrimas vertidas, para afrontar o tempo,  
Mas também quantos risos, para seguir em frente.  
Nós somos tão pequenos e por vezes tão grandes,  
Que devemos crer em nós mesmos, recomeçando sempre.

Foi o acaso que nos pôs no mesmo caminho.  
Somos diferentes, o que pode ser um bem.  
Os teus limites e falhas impacientam-me às vezes,  
Mas a tua força tranquila acalma as minhas penas.  
O que me toca em ti é o teu amor por mim,  
E o que me maravilha, digo-to ao ouvido.

## REUNIÃO II

*Porque em mim fez maravilhas o Todo-Poderoso,  
Santo é o seu nome.  
A sua misericórdia se estende de geração em geração  
para os que vivem no seu temor.*

### A - Maria

Estes dois versículos são uma citação quase textual extraída de dois salmos: o S1 111, um salmo "alfabético" que descreve as maravilhas de Deus, e o S1 103 que poderemos intitular "*Deus é amor*".

#### 1. As maravilhas de Deus

Lucas refere-se muitas vezes à admiração perante as obras de Deus: a dos pastores (2,18), dos pais de Jesus (2,33), do povo perante as palavras de Jesus (4,22) ou perante os seus milagres (9,43; 11,14).

Se o cântico de Maria se apoia aqui sobre alguns versículos de salmos, situa-se de facto na linha da série dos salmos 103, 104,105, onde se bendiz a Deus, onde se lhe dão graças, onde se louva o seu santíssimo nome pelos seus altos feitos. Maria tem todas as razões para falar das grandes coisas feitas nela. Mas ela insere-se, insere o seu caso pessoal, no grande movimento das maravilhas feitas por Deus a favor do seu povo. À história das grandes obras de Deus a favor de Israel, que o salmo 105 descreve, acrescenta-se em Maria, e por Ela, um capítulo novo, o mais belo.

Uma das maravilhas de Deus é a sua misericórdia. É outro tema muito caro a Lucas: é praticamente o único dos Sinópticos que usa este termo ("eleos") e emprega-o abundantemente neste

primeiro capítulo. Fala mesmo das “entranhas de misericórdia” de Deus (1,78).

Valeria a pena estudar mais atentamente esta noção, que é tão importante na espiritualidade do Antigo Testamento, manifestamente presente aqui. É a “*hesed*”, termo difícil de traduzir, que significa misericórdia, ternura, amor de Deus pelo seu povo.

*“É eterno o amor de Deus  
para com os que o temem,  
e a sua justiça estende-se aos filhos de seus filhos,  
sobre os que guardam a sua aliança  
e que se lembram de cumprir a sua vontade”* (1,103).

Este sentimento, este atributo de Deus, pode mesmo muitas vezes defini-lo. Assim, o Êxodo (34,6) mostra Iavé que passa diante de Moisés, o qual grita: “Iavé, Iavé, Deus compassivo e misericordioso, lento para a cólera...”. O salmo 111,4 define Deus: “O Senhor é clemente e misericordioso”. Mas o mais belo testemunho é, sem dúvida, o do profeta Oseias (2,21): “*Desposar-te-ei para sempre... com ternura e amor...*”.

## 2. Santo é o seu nome

A esse amor que produz maravilhas, Maria responde, na boa tradição de Israel, abençoando o nome do Senhor, proclamando a sua santidade:

“Bendiz, ó minha alma, a Iavé;  
todo o meu ser bendiga o seu santo nome” (S1 103,1).

“Daí graças a Iavé, aclamai o seu nome;  
anunciai entre as nações os seus altos feitos...” (S1 105,1).

## ENS – MAGNIFICAT

E podemos ver, sem dúvida, uma ligação especial entre a misericórdia de Deus e a santidade do seu nome. O “*hesed*” comporta um pacto de amor, de aliança, de fidelidade. E é precisamente pela santidade do seu nome que Iavé é fiel à sua ternura, apesar das infidelidades do seu povo:

“Diz à casa de Israel: Eis o que diz o Senhor Iavé: Não é por vós que faço isto, casa de Israel, mas pelo meu santo nome, que vós profanastes entre as nações... Santificarei o meu alto nome, que foi profanado entre as nações, que vós profanastes entre elas. E as nações saberão que eu sou Iavé quando, sob os seus olhares, manifestar a minha santidade, em relação a vós. Então eu vos retirarei do meio das nações, eu vos reunirei de todos os países estrangeiros, e vos conduzirei para o vosso país. Derramarei sobre vós uma água pura e sereis purificados; purificar-vos-ei de todas as vossas imundícies e de todos os vossos ídolos. Dar-vos-ei um coração novo; porei em vós um espírito novo...”  
(Ez 36,22-26).

Como digna filha de Sião, Maria abençoa a Deus “*santificando*” o seu nome, proclamando a santidade do seu nome. E também a nós o Senhor expressamente convidou a fazê-lo, quando nos ensinou o Pai-Nosso: “*santificado seja o vosso nome!*”.

### B. As ENS

1. **Quais são as maravilhas**, as grandes coisas que o Senhor fez por nós: na nossa vida pessoal, no nosso casal, na vida das equipas, durante estes 40 anos? É sobretudo sobre este último ponto que devemos reflectir neste ano.

Pode afirmar-se que o carisma fundador das ENS foi um grande dom de Deus, não somente para aqueles que foram os seus

## ENS – MAGNIFICAT

beneficiários directos, mas ainda para toda a Igreja. Tentemos compreender melhor o que foi essa graça.

Se nos reportarmos ao passado, há 40 anos precisamente, devemos lembrar-nos do pobre lugar que tinha o amor, e especialmente o do casal, na espiritualidade cristã em geral. Que relação se estabelecia entre amor e santidade? Um verdadeiro tabu feria todo o domínio da sexualidade. A partir daí podemos medir o caminho percorrido.

Sem dúvida, hoje, numa sociedade permissiva, o pêndulo corre o risco de se inclinar para o outro extremo... Não será a graça especial das ENS, o seu carisma próprio, guardar e situar correctamente a sexualidade no próprio seio da vocação à santidade? No dia em que a sexualidade estiver verdadeiramente evangelizada, que maravilha de Deus! É aí que está o nosso papel.

2. **A misericórdia de Deus**, a sua longa e incansável ternura pelos casais, eis outro tema muito próximo. Tentemos determinar esta misericórdia divina nas nossas vidas, na das Equipas.
  - Quantas vezes não somos tentados a parar, a não avançar mais?
  - Quantos casais não foram já tentados a zangar-se, a separar-se?
  - Quantas famílias foram confrontadas com perigos de rompimento, ou tiveram de enfrentar rupturas consumadas?
  - Quantos casais das ENS se sentem decepcionados com o comportamento dos filhos e desanimam ou se culpabilizam?

Se, apesar de tudo isso, não perdemos a coragem, se persevermos, é na verdade porque a misericórdia do Senhor esteve

## ENS – MAGNIFICAT

sempre presente e operante. Podemos muitas vezes à prova a paciência de Deus; mas, precisamente, ela é “a toda a prova”! Deus é ternura e compaixão.

3. Então nós também como Maria e com ela, **abençoeamos o nome do Senhor.**

Quando dizemos o Pai-Nosso, tentemos compreender e viver o pedido: santificado seja o vosso nome. Interrogue-nos sobre como poderemos santificá-lo pela nossa própria vida.

Mas a proclamação da santidade do Nome e da misericórdia de Deus é, ao mesmo tempo, um apelo premente a imitar e partilhar dessa santidade e dessa misericórdia. Porque também nós, como filhos de Deus, somos chamados a praticar a ternura – a misericórdia. Para os que vivem juntos e que não podem evitar todos os choques da coexistência, é muitas vezes pelo perdão mútuo, na reconciliação, que esta ternura e esta misericórdia se manifestam melhor.

Como poderemos vivê-las mais plenamente, em família, em equipa? Como manifestá-la aos outros casais, especialmente aos que têm mais dificuldade, aos que se mantêm juntos sem amor, aos que se separam? Pode suceder que, aos seus olhos, seja a nossa ternura que empresta o seu rosto à de Deus.

### C. Pistas e sugestões

- Celebrar uma jornada de louvor, para “santificar” o nome do Senhor em família, em equipa. E fazer, como o salmista, a lista das maravilhas que Deus fez por nós, estendendo, contudo, o nosso louvor às dimensões do mundo.

## ENS – MAGNIFICAT

- Procurar executar, neste ano jubilar, um acto de “*hesed*” (ternura, misericórdia, amizade) um pouco extenso, para com um casal menos feliz, uma família, jovens desnorteados.
- Se houver alguma coisa que perturbe o casal ou a relação com os filhos, um peso que se suporta, um problema que nunca se tem querido olhar de frente, algum desentendimento que nunca se esclareceu... é a ocasião... É a hora da verdade que é preciso aproveitar e que um dever de se sentar pode preparar excelentemente.

### D. Alguns textos

#### **Salmo 111: Elogio das obras divinas**

Aleluia!

Dou graças a Iavé de todo o coração  
na assembleia dos justos e em sua companhia.

Grandes são as obras de Iavé,  
dignas de admiração de todos os que as amam.

Majestosos e magníficos são os seus feitos  
sua justiça permanece para sempre.

Serão sempre lembradas as suas maravilhas,  
Iavé é clemente e compassivo,  
Aos que o temem dá o sustento,  
lembra-se eternamente da sua aliança.

Faz ver ao seu povo o poder das suas obras,  
dando-lhe a herança das nações.

Verdadeiras e justas são as obras das suas mãos,  
imutáveis os seus preceitos,

## ENS – MAGNIFICAT

Irrevogáveis pelos séculos eternos,  
instituídos com justiça e equidade.

Envia a redenção ao seu povo,  
declara eterna a sua aliança;  
santo e venerável é o seu nome.

O temor de Iavé é o começo da sabedoria;  
Sábios são aqueles que o adoram.  
A sua glória permanece eternamente.

### **Oseias, 2,16-22:**

#### **Tu serás minha noiva, desposar-te-ei para sempre...**

Palavra do Senhor. Vou seduzir a minha esposa infiel, vou conduzi-la ao deserto e falar-lhe-ei ao coração. Dar-lhe-ei as suas vinhas, e farei do Vale-da-Desgraça a porta da esperança. Aí ela se tornará como no tempo da sua juventude, no dia em que saiu do país do Egito. Nesse dia – diz o Senhor – eis o que acontecerá: Tu me chamarás “Meu Esposo” e não mais “Meu Senhor”. Serás a minha noiva, desposar-te-ei conforme a justiça e o direito; desposar-te-ei com fidelidade, e tu conhecerás o Senhor.

## REUNIÃO III

*Manifestou o poder do seu braço,  
Confundiu os soberbos de coração,  
Depôs os poderosos dos seus tronos  
e exaltou os humildes,  
Encheu de bens os famintos  
e despediu de mãos vazias os ricos.*

### A. Maria

1. Abordamos um dos grandes temas do cântico: a ternura de Deus manifesta-se particularmente a favor dos pobres e dos pequenos, em detrimento dos ricos e dos poderosos. Também aqui as citações bíblicas são numerosas:
  - Deus manifesta o poder do seu braço (Sl 89,11);
  - depõe os poderosos (Jó 12,19);
  - exalta os humildes (Jó 5,11);
  - dessedenta a alma sequiosa e cumula de bens os famintos (Sl 107,9).
2. O cântico de Maria dá mais um passo em frente. Maria passa a pouco e pouco, do seu caso pessoal ao caso do povo amado de Deus, do qual ela aparece, de cada vez mais, como uma imagem e um símbolo. Deus lançou os olhos sobre a sua pobreza pessoal, mas olha também para os pobres, os humilhados. É o grande anúncio messiânico. Ela faz-se eco da sua esperança, ela na qual, para eles, se cumpre a promessa.
3. Assiste-se a uma espécie de inversão das situações: os pobres são exaltados, os ricos rebaixados. Esta apresentação das coisas, mais desenvolvida ainda no cântico de Ana, está bem na tradição

## ENS – MAGNIFICAT

dos profetas, mas anuncia também o que será a atitude do Messias.

Jesus manifestará uma predilecção bem acentuada pelos pobres: os pequenos, os humildes, os doentes, as crianças... Por outro lado, será particularmente severo para com os "ricos". Para citar apenas Lucas, que na verdade acentua esse aspecto, basta recordar a recomendação de nos acautelarmos do dinheiro, o "dinheiro desonesto" ou Mamom (cap. 16); as quatro maldições opostas às quatro bem-aventuranças: "aí de vós, ó ricos..." (6,24); a maldição dos escribas e fariseus (cap.11); as parábolas do mau rico e do pobre Lázaro (16,19), do fariseu e do publicano (cap. 18). A riqueza é apresentada como um obstáculo para o Reino: "é mais fácil a um camelo..." (18,23 ss.).

É uma advertência constante a que se não pode escapar. Tem de se tomar posição.

### **B. As ENS**

Temos, portanto, de tomar posição, segundo o discernimento evangélico.

#### **1. Os pobres, a pobreza.**

- a) "Bem-aventurados os pobres... Se não vos tornardes como crianças..." É claro que, se nós queremos ter parte do Reino, devemos poder ser contados no número dos pobres. É uma condição. Estaremos convencidos disso? Procuramos viver segundo o espírito de pobreza?

Isto comporta dois níveis. A pobreza espiritual, que é, sem dúvida, a mais difícil e a mais exigente: saber desfazer-se dos seus preconceitos de orgulho, de classe, de virtude...

## ENS – MAGNIFICAT

Inconscientemente estamos cheios deles! E também a pobreza material, porque não há espírito de pobreza sem uma certa pobreza de facto. Como compreendê-la e como vivê-la?

Seria muito útil abordarmos seriamente este tema da pobreza nas nossas reuniões de equipa e decidirmo-nos, talvez, a dar mais um passo nesse sentido. É o próprio princípio do "*aprofundamento*".

- b) Como nos comportamos, relativamente aos pobres? Há todas as espécies de pobres e de pobreza e poderemos distinguir aqui duas categorias: os pobres "evidentes" e os que o são menos.

Os pobres evidentes são os que têm fome, que estão sem recursos, os que são oprimidos, repelidos, humilhados... Como diz uma forma clássica, são os que vivem "*sem ter, sem saber, sem poder*". Como nos comportamos a seu respeito, como Equipas de Nossa Senhora?

Censuram-nos, por vezes, de estarmos demasiado centrados nos problemas do casal e sermos muito pouco sensíveis aos grandes problemas do mundo. Devemos examinar-nos a partir de duas interrogações.

- Há, no Evangelho e na Igreja actual, uma "*opção preferencial*" pelos pobres. Poderíamos traduzi-la, evitando qualquer exclusivismo, pela fórmula bem conhecida: "primeiro os pobres", tal como se diz: "primeiro as mulheres e as crianças"! Qual é a nossa atitude perante esta opção?

- Como casais, temos de viver a graça do matrimónio "ad intra" e disse estamos bem conscientes. Mas é preciso vivê-la também "ad extra", para o exterior. Somos um casal para nos contemplarmos mutuamente, mas para caminharmos juntos, para juntos

## ENS – MAGNIFICAT

trabalharmos no Reino de Deus. Estaremos bastante abertos aos problemas da fome, do desemprego, da injustiça, dos direitos do homem? Estamos comprometidos, como casais, no serviço dos pobres?

Há pobreza menos evidentes, porque se pode falar também de pobres – sem que esta palavra comporte o que quer que seja de humilhante – no caso dos que são ofendidos no seu amor, daqueles cujo casamento foi um fracasso, daqueles também que vivem marginalizados. A situação dos divorciados que voltaram a casar, dos jovens que vivem em coabitação, é, aos nossos olhos, uma “falta” e contém um apelo a que somos sensíveis. Interroguemo-nos, pois:

- O que fazemos para partilhar com eles as riquezas espirituais que o Senhor oferece aos seus filhos? O que fazemos para os ajudar, sem todavia, atrair e repudiar, os nossos objectivos fundamentais?

- Alguma coisa temos também a aprender deles, do seu fracasso, da sua revolta, da sua procura. Que “pobreza” partilhamos com eles neste sentido?

Aqui põe-se uma pequena questão insidiosa. E os nossos filhos? Não correm o risco, por culpa nossa, de se tornarem pobres? Se uma multiplicidade excessiva de actividades, mesmo ao serviço das ENS, nos impede de lhes consagrar tempo, toda a atenção, toda a ternura de que eles têm necessidade...

## 2. Os ricos

A condenação dos “ricos” é essencialmente a condenação do orgulho, mas também do dinheiro-rei, da vontade de poder, da dureza de

coração... Nas ENS estaremos ao abrigo dessas tentações e o Senhor não nos contará no número dos ricos?

Qual é a nossa relação com o dinheiro, como casais, como equipas? Estamos muito agarrados a ele? Procuramos a riqueza? Procuramos deslumbrar, fazer figura? Somos pelo contrário, avarentos, poupados em demasia? A questão tão simples da quotização para as equipas poderá ter aqui um lugarzinho.

Não somos, porventura, propensos a cultivar certos complexos: complexo de superioridade intelectual, complexo "burguês", complexo "elitista", complexo do fariseu? Não protestemos com muita pressa e analisemos o caso mais de perto: poderemos ter surpresas! Fiz, com grupos de jovens, uma experiência muito instrutiva. Consagramos várias reuniões a determinarmos juntos a lista dos preconceitos de orgulho de que estamos marcados: orgulho da inteligência, da virtude, da raça, da classe social, da cultura... Quando nos julgávamos incólumes, ou quase, foi extraordinário o que descobrimos...

### **C. Pistas e sugestões**

- Com que critérios (sociais, culturais, "mundanos") constituístes a vossa equipa? A vossa equipa é aberta ou fechada?
- Estudei os textos evangélicos sobre a pobreza; tentai tirar deles conclusões práticas para o vosso estilo de vida (despesas, tempos livres...).
- Fazei, em casal, e em equipa, a lista dos vossos preconceitos de orgulho. E não tenhais vergonha de os reconhecer, para os poderdes eliminar; isso levará o seu tempo...
- Escolhei uma regra de vida centrada sobre o espírito de pobreza.

## ENS – MAGNIFICAT

- Por ocasião da peregrinação a Lourdes, prever um gesto de entreajuda.
- Em tudo isto não é caso para nos culpabilizarmos; isso não levaria a nada de positivo e é mesmo, muitas vezes, uma forma de alibi. Trata-se, ao contrário, de nos tornarmos conscientes e de nos convertermos.

### D. Textos

“O amor preferencial da Igreja pelos pobres está admiravelmente inscrito no **Magnificat** de Maria. O Deus da Aliança, cantado pela Virgem de Nazaré na exultação do seu espírito, é ao mesmo tempo o que “depõe os poderosos dos seus tronos e exalta os humildes..., enche de bens os famintos, e despede de mãos vazias os ricos..., confunde os soberbos de coração e estende a sua misericórdia sobre os que vivem no seu temor”. Maria está profundamente marcada pelo espírito dos “pobres de Iavé” que, segundo a oração dos salmos, esperavam de Deus a sua salvação e nele punham toda a sua confiança (cf. Sl 25;31;35;55). Ela proclama, na realidade, a chegada do mistério da salvação, a vinda do “Messias dos pobres” (cf. Is 11,4; 61,1). Inspirando-se no coração de Maria, na profundidade da sua fé expressa pelas palavras do Magnificat, a Igreja toma sempre melhor consciência disto: **não se pode separar a verdade sobre Deus que salva**, sobre Deus que é a fonte de todos os dons, **da manifestação do seu amor preferencial pelos pobres e os humildes**, amor que, cantado no **Magnificat**, se encontra em seguida expresso nas palavras e nos actos de Jesus”.

João Paulo II, Encíclica Redemptoris Mater, nº 37

“Se te encontrares no sétimo céu e um pobre te pedir uma malga de caldo, desce do sétimo céu e dá ao pobre o seu caldo”.  
Ruysbroeck o Admirável.

## REUNIÃO IV

*Tomou a seu cuidado Israel seu servo,  
lembrando-se da sua misericórdia,  
das promessas que tinha feito a nossos pais,  
a Abraão e à sua descendência para sempre.*

### A. Maria

Eis o segundo grande tema do Cântico: Israel é objecto da benevolência de Deus, que é um Deus fiel. Na verdade, há duas ideias principais que as citações bíblicas põem em relevo.

Primeiro, **a benevolência de Deus** relativamente a Israel, que é o seu filho predilecto, o seu “servo” escolhido para ser a sua testemunha entre as nações.

“Tu Israel meu servo;  
Jacob que eu escolhi,  
raça de Abraão meu amigo!

Tu que eu trouxe dos confins da terra,  
e que fiz vir do fim do mundo;  
a quem eu disse: “Tu és meu servo,  
escolhi-te, em lugar de te rejeitar.” (Is 41,8-9).

Depois, **a fidelidade de Deus** ao seu amor e à sua promessa: ele é um Deus que se recorda e que nunca se desdiz: “Amei-te com um eterno amor” (Jer 31,3).

E desta vez o movimento do Magnificat completa o seu curso:

- Maria apaga-se agora completamente em proveito de Israel, de que ela é porta-voz e símbolo.

## ENS – MAGNIFICAT

- O que se passa nela é a realização da promessa inicial feita a Abraão. Esta aproximação de Maria a Abraão é esclarecedora. Abraão existia no começo, como gérmen do povo de Deus, e tudo estava centrado nele. Foi, por isso, a ele que Deus se ligou por uma promessa:

*"Farei de ti um grande povo, abençoar-te-ei,  
exaltarei o teu nome.*

*Abençoarei aqueles que te abençoarem,  
amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem;  
em ti todas as nações da terra serão abençoadas" (Gn 12,2-3).*

Maria concentra em si todo o povo, para acolher o cumprimento desta promessa. Com Abraão e Maria nós temos as duas pontas da esperança messiânica. O que foi iniciado com Abraão encontra o seu acabamento em Maria.

É por isso que, se o **Magnificat** é um cântico pessoal de acção de graças de Maria, esta aparece no seu destino mais universal e a sua acção de graças torna-se a de todo o povo. E a nossa, ao mesmo tempo, visto sermos o novo povo de Deus. Não podemos cantar o **Magnificat**, ainda que isso fosse possível, a "título privado", sem entrar no grande movimento da esperança messiânica.

### B. As ENS

Reflitamos sobre os dois aspectos deste texto: a vocação do "servo" privilegiado; a fidelidade de Deus.

1. Deus ama-nos. É esse sem dúvida, o núcleo fundamental de toda a revelação: "Deus é ternura e compaixão", "Deus é amor", "De tal modo amou Deus o mundo..."

## ENS – MAGNIFICAT

E podemos pensar que Deus tem as suas preferências, os seus “*favoritos*”. Poderemos negar que a Virgem Maria, “*bendita entre todas as mulheres*”, tenha sido privilegiada entre todas as criaturas? Cada um de nós pode ter o sentimento de desfrutar de um amor de predileção, de em qualquer caso ser amado pessoalmente, distintamente, e não como perdido na massa anónima. Qualquer um de nós pode ser a centésima ovelha pela qual o pastor abandona (por momentos) todo o seu rebanho.

As ENS não têm sido e não continuam a ser “*privilegiadas*”? Não é pecar por presunção reconhecer uma particular ternura do Senhor a nosso respeito. O amor de Deus pela humanidade é muitas vezes comparado, na Sagrada Escritura, ao amor conjugal. Por conseguinte, a santificação do amor conjugal, que é a vocação específica das ENS, não é uma expressão escolhida e privilegiada desse amor divino, dessa “*Aliança*” divina?

Mas, tal como Israel o servo, se as ENS são acarinhadas por Deus, é para serem testemunhadas entre as nações. E as nações têm uma grande necessidade desse testemunho. No nosso mundo, a afirmação – e a afirmação mais convincente: a do testemunho de vida – da alegria e da felicidade no amor, na fidelidade do matrimónio, ressoa como uma Boa Nova um pouco esquecida... É a nossa maneira de evangelizar o mundo. E também a nós se aplica a advertência do apóstolo: Ai de mim se não evangelizar!

### 2. **Ele lembra-se...**

Deus lembra-se do seu amor, porque ele existe para sempre. Deus é fiel à sua promessa. A memória e a fidelidade de Deus! Elas estão vivas para nós, em nós...

- a) **A fidelidade de Deus nunca se desmente:** podemos contar com ela, absolutamente.
- Deus comprometeu-se, da sua parte, no sacramento da aliança do casal. Está constantemente presente, é seu fiador. A sua graça nunca faltará e saberá tomar as formas que forem necessárias, conforme os momentos, as dificuldades, a evolução do casal.
  - Se a ideia fundadora das ENS é verdadeiramente, como nos parece, um dom de Deus à sua Igreja, ele também lhe será fiel. Saberá guiar e apoiar a marcha do Movimento.
- b) Esta fidelidade de Deus deve ser **um modelo para cada casal** que, também ele, se comprometeu numa “*aliança*”. Com isso, os casais unidos pelo sacramento “*assemelham-se ao Pai*”, “*partilham a santidade de Deus*”, conforme o ensinamento de Cristo.

Esta vida de fidelidade dos esposos à graça do sacramento é muito mais do que aquilo a que chamamos a fidelidade conjugal. Esta não é senão um elemento daquela. É a busca incessante de um progresso contínuo no mistério de Deus. Há coisas do mistério de Deus que, indubitavelmente, só os esposos cristãos podem verdadeiramente compreender.

E, além disso, esta fidelidade ultrapassa o seu caso pessoal. Por ela, eles participam na construção do Corpo de Cristo, que é a nova etapa da esperança: a parte do novo povo de Deus, do novo Israel. Eles são chamados a levar a cabo o cumprimento total da promessa, na esteira de Abraão, na esteira de Maria, no seio do povo que Deus escolheu para si. Tornam-se eles mesmos, de certa forma, um sacramento vivo do amor: um sinal concreto, visível, apto para convencer os cépticos e dar esperança a muitos.

(Seria útil reler os grandes temas que já estudámos: “*Vós sois o corpo de Cristo*”, “*Sempre prontos a manifestar a nossa esperança*”).

- c) Finalmente, todas as equipas deverão interrogar-se sobre a sua **fidelidade aos carismas fundadores**. Somos convidados a reler e meditar os documentos básicos, voltar a beber da nascente. É a ocasião de verificar a nossa fidelidade profunda ao que consideramos como um apelo formal de Deus hoje: fidelidade ao mesmo tempo à intuição inicial e às evoluções necessárias. É preciso que reencontremos, com um novo fôlego, o entusiasmo das origens, temperado e enriquecido por todo o saber da experiência.

### C. Pistas e sugestões

- A partir dos documentos fundadores, que deveis reler, verificai a fidelidade da vossa equipa, para lá da letra, ao seu espírito.
- Como testemunhais o “*sacramento do amor*”? Por exemplo, sabeis falar do amor conjugal, do matrimónio, aos jovens que não crêem nisso?
- Convidai-os para vossa casa, encontrai-vos com jovens que se interrogam; jovens casais que hesitam em comprometer-se seriamente.
- Os filhos, particularmente os adolescentes, têm às vezes um grande interesse (mas não vo-lo dirão) em conhecer o romance de amor dos seus pais. Contai-lho.

### D. Textos

Isaías 49,15-16

*“Pode uma mulher esquecer-se do filho que ela amamenta?  
Não ter carinho pelo fruto das suas entranhas?  
Mesmo que houvesse alguma que o esquecesse,  
Eu nunca te esquecerei!  
Vê: tu estás gravado na palma das minhas mãos.”*

Dois textos de Jean Onimus, numa entrevista a propósito do seu livro *“Inséparables, l’art d’exister à deux”* (Le Centurion).

**Sobre a fidelidade:**

“Chamo fidelidade fria à que provém duma interdição, dum papel assinado: uma cobertura, uma garantia. A fidelidade “quente” vem do coração e dirige-se ao coração. Não é um dado, mas uma conquista. Não a possuímos, fazemo-la... O amor fiel foi sempre raro, porque é difícil e exigente. É uma vontade que faz nascer uma promessa. E prometer é realizar o acto mais extraordinário e mais especificamente humano. Pela promessa o homem salta por cima do tempo. Que louca audácia! Que poder estranho então nos atribuímos e que faz a nossa dignidade humana! Para mim, uma pessoa incapaz de prometer não é um homem.”

**Sobre o valor subversivo do amor:**

“Hoje em que tudo se compra e se vende, se o erotismo e a pornografia são rentáveis, só o amor se mantém gratuito. Daí o seu carácter um pouco bizarro, mesmo subversivo: o amor é incongruente, porque não diz respeito de forma alguma ao “ter”, base das nossas sociedades. É por isso que, ao longo da história, ele teve tanta dificuldade em se submeter... Amar é uma maneira de sair do sistema e desafiar-lo. Porque o amor não é recuperável: o mundo industrial pode produzir tudo, mas o que respeita ao coração, à ternura, escapa à sua técnica. No nosso universo, construído sobre a “ordem da razão”, a ordem do coração, aquela que anima os casais, as famílias, passou para a oposição...”

## **ENS – MAGNIFICAT**